



PSICANÁLISE E O FENÔMENO AUTOBIOGRÁFICO: GESTOS DA DESPOSSessão

PSYCHOANALYSIS AND THE AUTOBIOGRAPHICAL PHENOMENON: GESTURES OF DISPOSSESSION

Julia Akemi Takayama Ferryⁱ  

Resumo: Partindo do pressuposto de que a Psicanálise e a Autobiografia Literária são experiências facilmente associáveis por envolver a atividade de "falar de si", problematizamos esse pressuposto a partir dos modos pelos quais a Psicanálise considera a ideia de sujeito (mais inconsciente do que determinado) e as evocações que a cena analítica procura suscitar. Além disso, procuramos explorar brevemente como o campo da autobiografia literária também questiona as formas de representação do sujeito que se escreve, ao que a posição enunciativa da autoria pode ser objeto de indeterminação e atravessamento alteritário. O conceito de desposseção como foi orientado por Judith Butler (2015) de que o sujeito não tem posse de si mesmo, mas é despossuído pelos acontecimentos e alteridades que o encontram, nos ofereceu as bases para a articulação entre a experiência analítica e a escrita de si. Por fim, compreendemos que a relação destas experiências tanto revela as suas imbricações como podem produzir interrogações, tensionamentos e reinvenções.

Palavras-chave: psicanálise; autobiografia; escritas de si; desposseção.

Abstract: *Starting from the assumption that Psychoanalysis and Literary Autobiography are easily associable experiences as they involve the activity of "speaking about oneself," we problematize this assumption based on the ways in which Psychoanalysis considers the idea of the subject (unconscious than determined) and the evocations that the analytic scene seeks to provoke. Additionally, we aim to briefly explore how the field of literary autobiography also questions the forms of representation of the subject who writes, where the enunciative position of authorship can be a subject of indeterminacy and alterity crossing. The concept of dispossession, as guided by Judith Butler (2015), that the subject does not own itself but is dispossessed by happenings and alterities that encounter them, provided the basis for the articulation between the analytic experience and self-writing. Finally, we understand that the relationship between these experiences not only reveals their interconnections but also can generate inquiries, tensions, and reinventions.*

Keywords: *psychoanalysis; autobiography; self-writing; dispossession.*

Submetido em: 24.11.2023

Aceito para publicação em: 06.03.2024



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

ⁱ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). *E-mail:* juliaferry@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

À primeira vista pode parecer intuitivo as aproximações entre a Psicanálise da escrita autobiográfica. Por exemplo, é possível dizer que as duas práticas desenvolvem relatos de si e da própria história a partir do ponto de vista pessoal e íntimo do sujeito enunciativo. No caso da escrita autobiográfica, seria a construção da história do narrador como personagem por meio da escrita. Na experiência psicanalítica, uma narrativa de si a partir da fala. Além disso, também coincidem na temporalidade historiográfica, pois literatura autobiográfica e a Psicanálise são fenômenos da modernidade (Celes, 1993).

Essa aproximação evidente, contudo, deve ser complexificada. Na contramão do que seria uma construção a favor do sujeito, a Psicanálise busca operar com o "anti-sujeito" (Celes, 1993), isto é, aquilo que estaria na ordem do recalcado, deslocado, mais ainda, do inconsciente (Freud, 1915). Freud ao conceitualizar o inconsciente, além de instaurar o fenômeno investigativo da Psicanálise, desenvolveu a própria ideia de sujeito que lhe orienta. Este sujeito é marcado por uma cisão da sua racionalidade consciente, de forma que há uma parte de si que se situa na ordem do desconhecido. Essa opacidade é o inconsciente, "aquilo que na psique é mais alheio ao Eu" (Freud, 1933, p. 192), situando-se para o eu como "terra estrangeira, terra estrangeira interior"¹. Por essa via, a experiência psicanalítica mais se aproxima de uma contranarrativa de si, uma vez que o inconsciente manifesta o que há de censurado no sujeito enunciativo. Seria então a experiência psicanalítica uma contra-autobiografia?

Para aprofundar a questão é necessário delimitar em que consiste o sujeito do inconsciente, e quais as posições que ocupa e se articula por meio da enunciação. Igualmente importante será investigar se a literatura autobiográfica é condicionada por uma posição de afirmação de um "eu", ou se há escritas de si que desestabilizam a identidade do sujeito enunciativo.

2 O INCONSCIENTE COMO INDETERMINAÇÃO DE SI

Começemos pela Psicanálise a partir do conceito de inconsciente, desenvolvido por Freud (1915) como uma estrutura que é tópica (sistema no aparelho psíquico)², dinâmica

¹ Freud, 1933, p. 192.

² A topologia psíquica "nada tem a ver com a anatomia; ela se refere a regiões do aparelho psíquico, onde quer que se situem no corpo, e não a locais anatômicos" (*Id.*, 1915, p. 112).

(movimento e conflito) e econômica (baseada na pulsão como energia de investimento libidinal). Seus conteúdos apresentam como propriedades "ausência de contradição, processo primário (mobilidade dos investimentos), atemporalidade e substituição da realidade externa pela psíquica" (Freud, 1915, p. 128).

Há o que podemos definir como idiosincrasia inconsciente que especifica um sistema com características descontínuas, anárquicas, marcadas por uma realidade (psíquica) diferenciada. As manifestações desta estrutura são notáveis por essas qualidades, interpeladas por processos psíquicos entre os quais, a condensação e deslocamento. Estes últimos foram conceitualizados em *A Interpretação dos Sonhos*, onde Freud (1900) estabeleceu estes dois conceitos para diferenciar o conteúdo onírico manifesto do latente. A condensação consiste em uma forma de representação de diferentes cadeias associativas, ou seja, quando um conteúdo é condensado em várias outras associações que lhe foram possíveis. Isso não significa que se trata de um resumo ou mesmo uma síntese correspondente do conteúdo latente, pois

se cada elemento manifesto é determinado por várias significações latentes, inversamente, cada uma destas pode encontrar-se em vários elementos; por outro lado, o elemento manifesto não representa num mesmo relato cada uma das significações de que deriva, de modo que não as subsume como o faria um conceito (Laplanche; Pontalis, 1967/1979, p. 129).

Nessa mesma perspectiva, o deslocamento refere-se ao movimento desempenhado por um conteúdo que é deformado pelo desejo onírico do inconsciente. O deslocamento como a condensação, são efeitos da censura, bem como apresentam recursos para que o sonho seja trabalhado analiticamente. Estes processos avivam a significação, como apontado por Freud (1900, p. 350): "são os dois mestres artesãos a cuja atividade podem atribuir essencialmente a forma do sonho". Se condensação e deslocamento são "mestres artesãos" responsáveis pela construção da representação onírica, significa que esses processos inconscientes não se reduzem à transcrição de um original, e desempenham uma atividade criativa que consiste na produção e invenção das expressões inconscientes manifestadas.

A indeterminação e descontinuidade idiosincrática dos conteúdos inconscientes são entendimentos fundamentais, pois os sentidos possíveis destes conteúdos não são previamente estabelecidos, nem podem apresentar uma explicação total daquilo que é manifestado: "então será preciso adotar o ponto de vista de que é uma pretensão insustentável exigir que tudo o que sucede na psique teria de se tornar conhecido também para a consciência" (Freud, 1915, p. 102). Isto indica que o inconsciente não será inteiramente acessível nem representável. O

"umbigo do sonho", nomeado por Freud como o ponto irrepresentável do conteúdo onírico latente, pode ser referenciado como um dos exemplos emblemáticos que inscrevem a impossibilidade de totalização significativa do inconsciente:

Esse, então, é o "umbigo" do sonho, o ponto em que ele assenta no desconhecido. Os pensamentos oníricos que encontramos na interpretação têm de permanecer geralmente inconclusos e ramificar em todas as direções na emaranhada rede do nosso mundo de pensamentos. O desejo do sonho surge então de um ponto mais denso desse tecido, como o cogumelo de seu micélio (Freud, 1900, p. 575).

Não à toa os sonhos desempenham uma função especial à Psicanálise, pois são expressões *condensadas* e *deslocadas* que revelam a infinitude, plasticidade e descontinuidade do sujeito do inconsciente. Na sua falta de "ordem e inteligibilidade" (Freud, 1900, p. 70) os sonhos enunciam uma verdade inconsciente, que só temos acesso através de "fragmentos incoerentes e desconexos fornecidos pela memória"³. Essas manifestações que são fragmentárias e confusas indicam a inconsistência do inconsciente, que pela sua qualidade, não delimita uma diferenciação determinada do que lhe consiste e representa. Isto significa que o inconsciente ao manifestar-se vestigialmente na narração, instaura-se neste mesmo ato narrativo. Ou seja, os processos de condensação e deslocamento demonstram uma produção inconsciente que não é apenas a representação que se pretende cópia de um material original e realizado. As formas de manifestação são, elas mesmas, uma produção onde o inconsciente pode se realizar, ainda que não completamente.

Os atos pelos quais o inconsciente se revela e oculta, representa e inventa, demonstram que este é um sistema que é produzido na descontinuidade que se expressa. Como Freud apontou, os conteúdos inconscientes não são passíveis de contradição porque operam em uma lógica de indiferenciação entre o sim e não, certo e errado, moral e imoral, presente e passado. Ocorre que essa indiferenciação causará espanto quando manifestada, pois é confrontada por uma outra lógica - consciente - que se orienta por formas contraditórias e muitas vezes binárias de sistematização.

O trabalho psicanalítico tem como desafio operar na articulação das expressões inconscientes, tendo em vista que o que se mostra (e esconde) revela na opacidade, algo de inventivo e inédito, e que abre para as possibilidades de deslocamentos e elaboração:

É a isso que a psicanálise, sua teoria e sua clínica estão endereçadas. À perpétua busca de um sujeito que fala e falando repõe sua posição de enunciante e de

³ Freud, 1900, p. 73.

constituição, reposição, criação e invenção da linguagem, único lugar onde um sujeito se singulariza e existe (Endo, 2018, p. 1).

Fica claro que o trabalho psicanalítico explora o sujeito na sua posição enunciativa, operando com o possível e impossível da linguagem, de que a própria substância inconsciente é engendrada. Como aponta Endo (2018), é a inconsistência do sujeito a condição da sua singularidade, ou seja, não há origem ou destino de significação que estejam definidos. Quando algo inconsciente se expressa, o trabalho clínico analítico opera com a expressão de "algo", que enunciado, denuncia, pela sua indeterminação, a própria opacidade do sujeito enunciativo.

Neste sentido, a noção de "anti-sujeito" a que Celes (1993) atribuiu anteriormente ao sujeito da Psicanálise (ou do inconsciente) pode ser interpretada pela inconsistência da sua singularização, que se opõe à lógica de uma identidade realizada e coerente. O inconsciente pontua e revela uma realidade do sujeito que se pretendia oculta, dissimulada pelas formas sociais e subjetivas de censura, de forma que será expressa na contramão do seu discurso. As manifestações do inconsciente são contraditórias à intenção daquilo que o ego pretende mostrar. Como vemos nos sonhos, chistes, sintomas, são todas formas variadas de expressão de uma mensagem que escapa, surpreende, e que é essencialmente diferente da pretensão da racionalidade consciente. O sujeito da Psicanálise seria tensionado por aquilo que *diz sem querer dizer*. Há, portanto, uma desidentificação e estranhamento do sujeito com a sua própria narrativa. O inconsciente não é uma instância afirmativa do sujeito, mas uma estrutura que aponta para a impropriedade de si. Em outras palavras, o sujeito do inconsciente é constituído por esta instância que o desafirma, desidentifica, despossui⁴.

Se o que interessa à Psicanálise é o sujeito do inconsciente, não se buscará uma correspondência entre identidade e narrativa do/a analisante, pois não se trata de um processo de identificação do sujeito enunciativo com a história enunciada. Antes, procura-se explorar a dimensão do sujeito que se apresenta nas contradições das suas afirmações, na opacidade dos seus sonhos, na inquietude das suas invenções sintomáticas, no extraordinário e ordinário das suas fantasias, no que há de conflituoso no desejo. Nesse sentido, a escrita autobiográfica, se compreendida como uma narrativa afirmativa e consciente do sujeito enunciativo, seria oposta à intenção da Psicanálise. Como apontou Butler (2015), a experiência psicanalítica não se orienta pelo domínio linguístico e egóico do material psíquico do sujeito:

⁴ O conceito de despossessão é desenvolvido pela filósofa Judith Butler (2015) a partir da concepção de inconsciente freudiano. Essa ideia propõe que o inconsciente não seria uma posse do sujeito, mas justamente a instância que o despossui. A noção de despossessão será trabalhada com mais profundidade no decorrer do trabalho.

A articulabilidade plena não deveria ser considerada o objetivo final do trabalho analítico, pois esse objetivo implicaria um domínio linguístico e egoico sobre o material inconsciente que buscaria transformar o próprio inconsciente em uma articulação reflexiva e consciente - um ideal impossível que destrói um dos princípios mais importantes da psicanálise (Butler, 2015, p. 79).

O inconsciente não será completamente acessível e manipulável, pois isso seria equivocado e até mesmo impossível, levando em conta os princípios norteadores da Psicanálise. Neste sentido, a enunciação do sujeito será evocada pela via da indeterminação e do estranhamento, e portanto, avessa aos horizontes de uma identidade coerente, de locução reflexiva e egoicamente deliberada.

Como nos interessa pesquisar a crítica da Psicanálise e do fenômeno autobiográfico, procurando pelas aproximações entre teoria psicanalítica e a literatura autobiográfica, uma das questões centrais deste problema será a posição do sujeito enunciativo. Na experiência psicanalítica, a analisante se expressará na condição mesma da sua desapropriação do conteúdo manifestado. Em outras palavras, o sujeito do inconsciente será interpelado por aquilo que *diz sem querer dizer*, e que só foi possível dizê-lo na condição de destituição de si provocada pelo inconsciente. Neste sentido, se o inconsciente é uma instância que leva o sujeito a uma desapropriação de si mesmo, levanta-se como questão no que consiste a autoria da analisante, e qual a posição ocupada por este sujeito na cena analítica.

Se o sujeito em invenção na experiência analítica não se vale pela afirmação de um "eu", mas é constituído pela indeterminação inconsciente que declara a sua própria inconsistência, isso representaria um desencontro incontornável com a literatura autobiográfica? Ou existem escritas de si que se baseiam na desposseção da autoria e desidentificação do sujeito como categoria estável, e que assim, dialogam com a posição do sujeito enunciativo sustentada pela Psicanálise?

3 DO INCONSCIENTE À DESPOSSESSÃO

Em *Relatar a si mesmo*, a filósofa norte-americana Judith Butler (2015) procura responder às condições nas quais um "eu" pode realizar um relato de si mesmo. Embasada pela Psicanálise, a autora denuncia a pretensão de um domínio linguístico e egóico que se baseia em uma normativa do individualismo possessivo e da autoidentidade. Butler aponta que o "eu" está, desde o princípio, implicado em uma temporalidade social que excede suas

próprias capacidades de narração, tanto no que envolve as leis da gramática que o interpelam⁵, como pelas formas inconscientes que o destituem de uma posição autoconsciente de uma identidade deliberada.

Por isso há um problema nas narrativas de si que começam a contar-se a partir de um ponto que se pretende o "zero" da história. Butler cita os trabalhos de Winnicott, Bollas e Lacan a fim de orientar que o sujeito é constituído por um processo relacional com o outro, que precede a sua própria chegada no mundo: "Em todo caso o Eu não é uma entidade ou substância, mas um conjunto de relações e processos, implicado no mundo dos cuidadores primários de maneiras que constituem sua própria definição" (Butler, 2015, p. 80). Essa ideia foi fundamentada por Freud quando levou em conta os desejos e as expectativas das figuras parentais, como também a interpelação dos aspectos históricos e míticos nos processos de subjetivação⁶.

O momento inaugural de um "eu" não é datável nem redutível a uma cena descritiva, e essa é uma das razões pelas quais não haverá possibilidades de uma descrição do sujeito que seja contínua e lacônica. A pretensão de totalizar a existência do sujeito em uma narrativa descritiva "desvirtua parte do próprio significado ético da formação desse sujeito" (Butler, 2015, p. 73), pois as bases pelas quais uma pessoa relata-se envolve uma implicação com as condições relacionais, sociais e inconscientes que a constituem e antecedem. Essas condições impõem limites linguísticos e conscientes a que o ato de enunciação de si é atravessado. Desta forma, os relatos possíveis de si mesmo devem problematizar os limites pelos quais estão orientados e submetidos.

O esquecimento que acomete cada um de nós sobre os momentos pós nascimento, suposto por Freud como recalçamento primário ou originário - origem das primeiras formações inconscientes - é uma das argumentações pelas quais há um conhecimento a respeito de si mesmo que é para sempre e inescapavelmente enigmático. Isto indica que o passado se torna disponível apenas "retroativamente através da tela da fantasia" (Butler, 2015). Desta forma, os momentos posteriores ao nascimento são uma demonstração explícita dessa limitação consciente e linguística que acomete o sujeito:

⁵ Essas leis seriam a condição da linguagem como ação linguística que é "derivada da situação em que nos encontramos interpelados por uma linguagem que nunca escolhemos" (Butler, 2015, p. 74), de forma que "o 'eu' que começa a contar sua história só pode contá-la de acordo com as normas reconhecíveis de narração de uma vida" (*Ibid.*, p. 73.)

⁶ Esta ideia é presente em obras como *Totem e Tabu* (Freud, 1912), *Psicologia das Massas e análise do eu* (Freud, 1921) e *Mal Estar na Civilização* (Freud, 1929).

O "eu" não pode recuperar, por completo e de forma deliberada, o que o impele, pois sua formação continua anterior à sua elaboração como reflexivo conhecedor de si. Isso nos lembra que a experiência consciente é apenas uma dimensão da vida psíquica e que não podemos atingir, pela consciência ou pela linguagem, um controle total das relações primárias de dependência e impressionabilidade que nos formam e nos constituem de maneiras persistentes e obscuras (Butler, 2015, p. 79).

Nesse sentido, o pós nascimento demonstra na radicalidade a dependência que temos do outro para construir o conhecimento a respeito de nós mesmos. Este ponto da vida (e os anteriores) ultrapassam o sujeito, e só poderão ser noticiados pelo outro. Há, portanto, uma dependência substancial do outro no conhecimento que será constituído a respeito de si. Essa dependência constitutiva, como Butler (2015) aponta, abrange vários aspectos da vida, e não é delimitada em uma função pontual ou específica, mas abrangente e indeterminada. Também possui uma função decisiva na experiência de narrar a si mesmo, pois necessitamos das palavras do outro para nos dizer, tanto pela transmissão de um vocabulário, como pelas histórias que só serão conhecidas se forem contadas.

Freud (1895) elabora essa dependência constitutiva do outro partindo do estado de desamparo inicial que o bebê humano nasce condicionado. Neste momento o outro é indispensável para satisfazer as suas necessidades orgânicas. Posteriormente, o outro será o objeto a quem demandará os seus desejos⁷. Este outro ocupará a função materna, suas ações com o bebê, bem como o lugar do bebê no seu desejo serão uma das razões constitutivas que são *persistentes e obscuras* de narrativizar. O desamparo inicial ou primordial é um momento em que essa dependência do outro é constitutiva e radicalmente orientada (Freud, 1895). Contudo, ao longo de uma vida, essa dependência é reatualizada nos termos da demanda. Não mais se tratará de uma dependência do outro para satisfazer uma necessidade, mas da formulação de uma demanda pela via do desejo (Lacan, 1966/1998).

Butler faz uso dessa elaboração sobre a dependência constitutiva do sujeito pelo outro, e amplia esse entendimento para um horizonte ético das relações políticas. Isto significa que para a autora, a relacionalidade não seria apenas uma dimensão constitutiva do sujeito, mas uma "normativa contínua de nossas vidas sociais e políticas em que somos obrigados a fazer um balanço de nossa interdependência" (Butler, 2019a, p. 48). Nesse sentido, a dependência constitutiva do outro é remodelada para uma outra forma de dependência que seria contínua durante toda a vida e que estabelece as bases para uma forma de responsabilidade ética da

⁷ Como apontam Laplanche e Pontalis (1979), Freud diferencia a necessidade do desejo. A necessidade "nascida de um estado de tensão interna, encontra a sua satisfação (Befriedigung) pela ação específica que fornece o objeto adequado (alimentação, por exemplo)" (Laplanche; Pontalis, 1979, p. 159), já o desejo "está indissolavelmente ligado a <traços mnésicos> e encontra a sua realização (Erfüllung) na reprodução alucinatória das percepções tornadas sinais dessa satisfação" (*Ibid.*).

vida comunitária. Essa formulação é elaborada na obra *Vidas Precárias*, onde a autora desenvolve uma teoria política do luto como um processo que afirma a vulnerabilidade do sujeito e dependência fundamental do outro como normativa para a sociabilidade. Essa questão nos levará ao conceito que aqui nos interessa, de desposseção⁸.

Outra vez Butler recorre à Psicanálise, e argumenta que a noção freudiana de eu é orientada pela internalização do objeto perdido⁹, de forma que se qualifica como uma categoria instável, permanentemente atravessada pelo outro ausente. Assim, Butler denuncia a prerrogativa de indivíduo autônomo, e esclarece que a perda não é apenas uma certeza da vida, mas uma experiência estruturalmente subjetiva que atravessa a relação social, por meio da vulnerabilidade e dependência. Isso quer dizer que o eu é fundamentalmente marcado pela perda, tanto no que envolve seus processos de formação subjetiva, como é uma experiência que aponta uma vulnerabilidade inextricável que nos acomete, entre perder os outros e ser perdido por eles. Neste sentido é que a experiência da perda é, para Butler, invariavelmente política, pois inscreve uma universalidade¹⁰ de fundamento negativo, uma forma de laço a partir do que não se tem.

A universalização da perda inscreve uma experiência que prescinde da identidade como categoria de coletivização. Se a identidade se propõe a ser um atributo ou ainda, uma relação social de afirmação do sujeito, a perda, por outro lado, exhibe um enigma, pois

quando perdemos certas pessoas, ou quando somos desposuídos de um lugar, ou de uma comunidade, (...) algo sobre o que somos nos é revelado, algo que delinea os laços que mantemos com os outros, que nos mostra que esses laços constituem o que somos, laços e elos que nos compõem. Não é como se um 'eu' existisse independentemente aqui, e então simplesmente perdesse um 'você' ali, especialmente se o apego ao 'você' é o que compõe o 'eu'. Se eu perco você, nessas condições, não apenas passo pelo luto da perda, mas torno-me inescrutável a mim mesmo. Quem 'sou' eu, sem você? (Butler, 2019a, p. 42).

⁸ Este termo é largamente utilizado por Butler em *Vidas Precárias*, texto originalmente publicado em 2004, anterior a *Relatar a si mesmo*, publicado em 2005.

⁹ Em *O eu e o Id* Freud (1923) aponta que o aspecto de internalização do objeto perdido é aspecto crucial para a formação do eu. Essa formulação havia sido anteriormente orientada em *Luto e Melancolia*, publicado em 1917, onde o autor esclareceu a diferença entre o luto que visaria a internalização do objeto perdido por meio do investimento objetal, do quadro da melancolia, onde o sujeito se coloca à sombra do objeto da sua perda, por meio da identificação.

¹⁰ Embora a perda seja uma experiência universal, o mesmo não se pode afirmar a respeito do luto. Butler (2019) aponta que há uma distribuição desigual do luto público, de forma que há vidas que são passíveis de serem enlutadas e outras vidas que são destituídas de importância, e portanto, desvalidas no seu direito de enlutamento. Em outras palavras, há vidas que não são consideradas vidas, e assim igualmente não serão vividas como perda.

Perder um *você* desestabiliza algo que garantia um *eu*¹¹ até então, e essa ruptura não indica apenas a ausência da outra pessoa, mas diz de algo enigmático do *eu* que se desorienta pela perda do *você*. Butler faz referência à Freud (1917) que em *Luto e Melancolia* apontou que há um mistério no luto, pois quando perdemos alguém, não sabemos ao certo o que mais se perdeu com esta perda. Neste sentido é que Butler (2019a) aponta que um *eu* não possui um *você*, mas é despossuído por essa alteridade, desfeito a partir do encontro e pela perda do outro. A desposseção é uma posição do sujeito que denuncia os limites da autonomia e orienta que a dependência da alteridade inscreve ao sujeito a potencialidade contínua da destituição de si mesmo.

A desposseção do *eu*, que para Butler (2015) quer dizer da desposseção do sujeito como categoria ética e política, é respaldado pela formulação psicanalítica de sujeito do inconsciente. Isto é observado em *Relatar a si mesmo*, obra anterior à *Vida Precária*, onde Butler articula a desposseção como idiossincrasia do inconsciente psicanalítico.

Em certo sentido, essa nomenclatura [meu inconsciente] vai sempre contradizer a si mesma. É impossível não cometer equívocos ao falar do "meu inconsciente", porque ele não é uma posse, mas sim algo que não posso possuir. No entanto, a gramática pela qual busco explicar esse domínio psíquico, que eu não possuo e não posso possuir, atribui paradoxalmente esse inconsciente a mim, como aquilo que me pertence como um predicado do sujeito, assim como se diz que diversas outras características pertencem a mim, o sujeito gramático e ontológico. Entender o inconsciente, no entanto, é entender aquilo que, em rigor, *não pode* pertencer, é um modo de ser despossuído, desde o início, pela interpelação do outro (Butler, 2015, p. 74).

A desposseção é elaborada como uma posição ontológica da subjetividade derivada do inconsciente. Por sua vez, é o inconsciente a estrutura que estabelece os limites de um domínio egóico e linguístico do sujeito e das experiências vividas. Nessa perspectiva, cada pessoa não possui um inconsciente próprio, mas impróprio e inapropriado, e portanto, impassível de ser capitalizado e possuído. Essa impropriedade do inconsciente acompanha um colapso da linguagem, que fica demonstrada tanto pela descontinuidade enunciada por essa estrutura, bem como pela incapacidade de nomeá-la na relação de destituição que estabelece com o sujeito. Os limites denunciados pelo inconsciente apresentam que há uma dimensão da vida psíquica antagônica à lógica proprietária, pois as instâncias que indeterminam o sujeito certificam que a desposseção é uma potencialidade inerente da relação que estabelece com o outro.

¹¹ Farei o uso do itálico para indicar que o eu a que Butler se refere difere do eu psicanalítico, referenciado como ego. Para Butler, o eu em questão está ligado à ideia de sujeito.

Butler desenvolve um diálogo que relaciona psicanálise e política, articulando os paradigmas da subjetividade humana na experiência social e política por meio de uma reivindicação baseada na interdependência e responsabilidade ética. Assim, ela aposta na despossessão como posição ativa contra o individualismo possessivo, que pleiteia pela autossuficiência e autoidentidade. Isto significa dizer que, despossuídos da autossuficiência, e implicados pela indeterminação constitutiva e inelutável dependência do "fora"¹² e do outro, teremos possibilidades de construir outras formas de ação política e transformação da sociabilidade.

Butler busca apoio no conceito de transferência da Psicanálise para articular uma forma de ato que pretende a transformação a partir de uma relacionalidade baseada na despossessão:

Desse modo, o propósito da transferência e da contratransferência não é só construir e reconstruir nossa história, mas também encenar o que não pode ser narrado e encenar o inconsciente tal como ele é revivido na própria cena da interpelação. Se a transferência recapitula o inconsciente, experimento uma despossessão de mim mesma na cena de interpelação. Isso não quer dizer que sou possuída pelo outro, pois o outro também é despossuído, chama e é chamado, em uma relação que, por essa razão não é recíproca (Butler, 2015, p. 75).

Assim, a cena psicanalítica põe em voga a despossessão como condição para o seu acontecimento. Como a transferência é um recurso que condiciona o exercício da Psicanálise, para Butler, só é possível porque as posições de analista e analisante estão implicadas pela despossessão. Nessa relação, o analisante pode transferir suas posições relacionais ao analista que responderá a essa convocação à medida em que ela se instaura. Percebe-se que nessa cena analítica, a recriação só é possível porque ambos estão interpelados pela despossessão de si, de forma que o analisante irá usar a figura do analista como oportunidade para reencenar o seu material psíquico, e o analista deixará ser usado apostando nos deslocamentos e transformações potenciais da reencenação. Butler (2015) aponta que ao analista, espera-se que saiba lidar com a diferença de si como pessoa e de si como oportunidade para o material psíquico do outro, tendo em vista que esse "si" é, tanto fora e especialmente dentro da cena analítica, despossuído de uma identidade deliberativa.

¹² Aponta para uma zona de indeterminação entre o que é e não é o "eu" e que sinaliza para um modo de ser despossuído. As normas culturais e significados sociais, por exemplo, ditam algo que está além de um "eu", mas do qual um eu se constitui. Também as emoções, paixões, o próprio desejo, nos interceptam e nos desfazem. Aqui podemos utilizar o conceito de enquadramento que Butler (2019b) desenvolve em *Quadros de Guerra*, no qual ela argumenta que o que consideramos e desconsideramos depende dos quadros normativos pelos quais o olhar é organizado. Nesse sentido, o "fora de si" também é interpelado pelo critério do enquadramento: o que está excluído, o que escapa, o que está além. Nada disso é indiferente ao que "está dentro", podendo indicar, inclusive, um exterior que lhe é constitutivo.

O uso da Psicanálise permite que Butler conceitualize a desposseção a partir da noção de sujeito do inconsciente, bem como articulá-la como uma forma de posição subjetiva que condiciona a possibilidade de transformação psíquica desse sujeito na prática psicanalítica, a partir da noção de transferência. Quando a autora desenvolve que a desposseção é uma posição sincrônica do sujeito do inconsciente, e que disponibiliza um potencial de transformação das relações sociais, implica que a Psicanálise desempenha uma função decisiva nesta reivindicação. Neste sentido, ao procurar construir um relato de si em uma posição de desposseção significa imbricar a Psicanálise e o sujeito do inconsciente, e essa ação implica em um movimento ético e político. É assim que Butler (2015) sugere que a descrição de si, em sua forma autobiográfica, pode extrapolar o "si mesmo" e deslocar o individualismo possessivo para uma possibilidade alteritária.

Butler articula Psicanálise e o gesto autobiográfico, demonstrando que as formas de enunciação de si não se limitam à narrativa individual e narcisista. Antes, acionam o potencial de desenvolver criticamente sobre as condições sociais pelas quais um eu é integrado e despossuído. Neste sentido as formas de enunciação de si são promovidas a um paradigma ético e político, que implica a Psicanálise e o sujeito do inconsciente de forma complexa. Assim é que procederemos com a análise de escritas autobiográficas contemporâneas que colocam a posição enunciativa do eu em questão, e com isso, possibilitam uma articulação da Psicanálise e do sujeito do inconsciente (Freud, 1915) baseada na desposseção de si como disposição inevitável (Butler, 2015).

4 ESCRITAS DE SI, ESCRITAS DO OUTRO

Klinger (2006), escritora e docente de teoria literária, aponta que as escritas autobiográficas contemporâneas¹³ sofrem uma virada etnográfica, pois passam a reconsiderar o lugar da autoria, da linguagem e da representação.

A autobiografia foi um gênero explorado pelo pesquisador Philippe Lejeune (1996), que atribui a essa forma, uma escrita que inscreve um pacto do escritor com o leitor, em que o primeiro compromete o texto à expressão de algo seu. Isto é, por meio da construção textual ou paratextual, o escritor revela ao leitor aspectos da sua personalidade, em seu valor de

¹³ Vale destacar que quando falamos em contemporâneo não se trata das produções que remetem a atualidade e que estão alinhadas às tendências literárias sincrônicas. Antes, remete-se ao que Agamben (2009) desenvolveu a partir do que Barthes definiu como intempestivo, pois são as obras que estabelecem uma distância e um estranhamento em relação ao tempo presente, e que por isso, são capazes de enxergar as zonas obscuras e marginais do presente, refutando as tendências afirmativas e hegemônicas.

verdade. Este pacto implícito ou explícito, é feito por vários indicadores ao longo do texto, e indicam uma sugestão pela qual será feito o seu modo de leitura.

Neste sentido, o que define a autobiografia não é a coincidência entre os acontecimentos da vida e a transcrição do texto, mas o pacto que será estabelecido, que pode, inclusive, ser ficcional ou referencial. Assim, Klinger (2006) aponta que há, na literatura autobiográfica contemporânea, produções textuais que elaboram este pacto apostando na não convicção do leitor pela autoria como um valor determinado, inquestionável e até mesmo protagonista. Isto é, há uma posição do autor que se apresenta como uma discursividade que podemos relacionar com a desposseção. Klinger sugere que a virada etnográfica ocasionada por essas escritas inscreve a "outroridade", no qual se coloca a figura do "outro" é vinculada à primeira pessoa. Isto significa que procuraram anarquizar o princípio da autobiografia, e incidir como escrita de si um embaralhamento da separação entre sujeito e objeto, fazendo da autoria um espaço de questionamento pela linguagem e representação.

Sugerimos que a desposseção é uma chave de compreensão da guinada etnográfica das escritas de si, que procuraram articular o si com o outro, tanto no que envolve o compromisso com a alteridade, como um deslocamento da sua própria posição como objeto de desposseção da escrita. Assim, destacaremos alguns casos de escrita que fizeram uso do sujeito da enunciação autobiográfica a partir da desidentificação (desposseção) de uma identidade autoral *ensimesmada*. Essas escritas inventaram formas interessantes de desestabilizar a posição de enunciação como uma identidade coerente, privatista e preponderante.

5 A “AUTOSSOCIOBIOGRAFIA” DE ANNIE ERNAUX

A autora francesa Annie Ernaux, considerada escritora de "autobiografia impessoal" (Nitrini, 2013) ou ainda, "autossociobiografia" (Moricheau-Airaud, 2016) pode ser um caso em que a escrita de si é desenvolvida como escrita do outro. Contudo, Ernaux (1993) rejeita as definições que enquadram a forma da sua escrita nos modelos de um gênero específico. Ela comenta que seu projeto de escrita caminha nos territórios da literatura, sociologia e história, e não se condiciona às premissas do romance nem da autobiografia ou da autoficção. Sobre o uso do "eu" na narrativa dos livros a autora comenta:

O eu que utilizo parece-me uma forma impessoal, quase sem gênero, às vezes até uma palavra que pertence mais ao “outro” do que ao “eu”: uma forma transpessoal, em suma. Não é uma forma de construir uma identidade para mim, através de um

texto, de me autoficcionalizar, mas uma forma de apreender, na minha experiência, os sinais de uma realidade familiar, social ou passional (Ernaux, 1993, n. p.).¹⁴

Ao recusar o enquadramento do gênero autobiográfico, Ernaux parece indicar uma inadequação do seu texto às formas já existentes. Em *Os anos*, livro publicado em 2008, revela-se o desejo da escritora que "gostaria de reunir imagens de si própria, isoladas e em desacordo, por um fio de narrativa, a narrativa de sua existência desde o nascimento, durante a Segunda Guerra Mundial, até hoje" (Ernaux, 2021, p. 162). Nele, vemos o retrato de uma história dentro da História, e, ainda que o texto seja a escrita de uma memória, há um gesto que procura registrar "o reflexo da história coletiva projetado na tela da memória individual" (Ernaux, 2021, p. 47).

Em *Os anos* há, de uma página a outra, o deslocamento entre a experiência de uma adolescente pobre no interior da França nos anos 40, sua inserção nos espaços intelectuais nos anos que se seguem, o medo dos sentimentos que a devastam, o desejo e as aflições da vida conjugal; às impressões do decorrer da Segunda Guerra, efeitos culturais de Maio de 1968, acontecimentos políticos emblemáticos, comentários de filmes, livros e músicas que marcaram a geração dos tempos percorridos.

"Todas as imagens vão desaparecer" é a primeira frase do livro, que segue com a descrição de cenas aleatórias captadas pela memória da autora, como de um homem encontrado em uma calçada em Pádua no verão de 1990, um pedaço de um filme dos Charlots, frases ouvidas "que resistem mais do que outras exatamente por conta do esforço de reprimi-las" (Ernaux, 2021, p. 11) e a repetição de expressões usadas tantas vezes "que perderam a surpresa e a graça"¹⁵. Há um gesto paradoxal em afirmar que tais imagens e palavras que só existem na exclusividade da memória singular de uma vida, vão desaparecer com o fim daquela mesma existência, pois ao publicá-las, é como se doasse (ou devolvesse?) essas cenas ao mundo, tornando as suas existências continuadas.

A frase de José Gasset: "Temos apenas a nossa história e ela não é nossa" é a epígrafe deste livro que não tem uma forma definida e que retrata uma história sem dona. "Será uma narrativa escorregadia, no pretérito imperfeito e absoluto que vai, pouco a pouco, devorando o presente até a última imagem de uma vida" (Ernaux, 2021, p. 217), escreveu Ernaux nas últimas páginas de *Os anos*. Nelas, a autora observa que a narrativa presente no livro poderia

¹⁴ Tradução minha. "The "I" that I use seems to me an impersonal form, barely gendered, sometimes even a word belonging more to "the other" than to "me": a transpersonal form, in short. It's not a way of building an identity for myself, through a text, of autofictionalizing myself, but a way of grasping, within my experience, the signs of a family, social or passionate reality."

¹⁵ Ernaux, 2021, p. 13.

indicar uma "autobiografia impessoal", um gênero inexistente até então. Essa invenção, contudo, não parece propor uma intenção classificatória, nem a instauração de um gênero novo, mas justamente indicar a indeterminação radical desta escrita.

No dicionário Michaelis encontra-se ao menos quatro definições para "impessoal":

1. Que não existe como pessoa.
2. Que não diz respeito a uma pessoa específica; geral
4. Que não tem nem reflete quaisquer atributos individuais; anônimo
5. Diz-se de verbo que não especifica o sujeito agente e que por isso se apresenta unicamente na terceira pessoa do singular ou em formas nominais.
(Michaelis. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, s. p.).

Se a primeira definição aponta para a inexistência de um sujeito, e a quinta para um sujeito-objeto ou passivo, a segunda e a quarta parecem indicar para a falta de especificidade de uma identidade definida. As duas últimas nos permitem traçar uma aproximação pertinente com a posição enunciativa presente na autobiografia impessoal em questão.

A problemática a respeito da intenção da escrita e das formas de representação de si é uma questão presente nos seus livros, de modo que o "eu" inscrito é enunciado como expressão de interrogação e dissolução de si a partir da interpelação da alteridade. Como vemos em *Os anos*, Ernaux expõe a preocupação na escolha do uso da primeira ou terceira pessoa do singular: "No 'eu', há muita permanência e alguma coisa apertada e sufocante. No 'ela', muita exterioridade e distanciamento" (Ernaux, 2021, p. 162). É feita a escolha de inscrever o uso do *ela* que "vai corresponder, em espelho, ao caráter fugidio das fotos, nas quais ela é 'constantemente outra'." (Ernaux, 2021, p. 217).

O deslocamento do *eu* para o *ela*, e da variação entre o *ela* e a *outra de si mesma*, indicam um sujeito da enunciação inconsistente e instável, que propõe um divórcio entre pronome pessoal e uma identidade correspondente. Ao afirmar que a sua escrita não tem como efeito a representação ou mesmo a invenção de si, sua obra parece encaminhar um sentido de dissolução do eu e despossessão da identidade. Em *A Vergonha* ela escreve sobre o olhar para si mesma em uma fotografia antiga: "[...] não acreditaria que aquela era eu. (Certeza de que 'sou eu'; 'impossibilidade de me reconhecer', 'não sou eu'.)" (Ernaux, 2022a, p. 16).

Em outra obra, *O acontecimento*, Annie Ernaux (2022b, p. 71) escreveu que: "o verdadeiro objetivo da minha vida talvez seja apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita, isto é, algo inteligível e geral, minha existência completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros". O que a autora parece dizer é que

sua enunciação não parte de um "eu" resolvido que procura se representar, e nem mesmo se inventar pela escrita. A posição de enunciação do "eu" ali inscrito parece ter um estatuto de passagem, transmissão, de despossessão radical, em que a escrita teria a função de deixá-lo ir, e paradoxalmente, se dissolver, sumir. Não há uma identidade a ser preservada, nem mesmo inventada, mas despossuída pelo ato de escrita. Ou seja, ao mesmo tempo que a escrita inscreve o acontecimento de um "eu", ela o faz através de uma operação com a enunciação que viabiliza a dissolução e libertação desse "eu" inscrito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais evidente que se possa parecer as relações entre o processo analítico e a autobiografia literária, procuramos desenvolver que essa relação mais do que intuitiva é tensionada e desafiadora. Isto porque nem a Psicanálise se propõe a um trabalho de construção de uma coerência identitária, tendo em vista que o sujeito que a interessa é o sujeito do inconsciente, e portanto, da inconsistência e da indeterminação. E a autobiografia literária que não é um campo unitário e invariado, também apresenta uma forma de representação que não pretende enfatizar uma determinação de si, mas dissolver o eu por meio do outro como propõe Klinger (2006) e da própria escrita, como é o caso do trabalho da escritora francesa, Annie Ernaux.

Neste sentido, se primeiro sobre as associações evidentes entre Psicanálise e Autobiografia como meios de "falar de si" enfatizando que o processo psicanalítico mais se interessa pelo que se diz sem querer, não se imaginava poder dizer, não se entende o que se disse. Nesse sentido, o "si" que emerge na cena analítica tem algo de inesperado e ao mesmo tempo, inventivo.

Também a autobiografia literária desafia a ideia que se trataria de um processo de afirmação do eu, ao que Klinger apontou que há na escrita autobiográfica contemporânea um fenômeno de "outridade" onde as fronteiras entre eu e outro não são mais de oposição mas de atravessamento. Por isso a autora aponta que as escritas de si são ao mesmo tempo escritas do outro. Esta posição enunciativa é desenvolvida pela escritora francesa Annie Ernaux cujo trabalho é referenciado como "autossociobiografia" por implicar uma escrita de si permeada pelo outro.

Neste sentido, se primeiro distanciamos Psicanálise e Autobiografia literária, depois rearticulamos possibilidades de associação de ambas por meio das referências que expomos. O conceito de despossessão como é desempenhado pela filósofa norte-americana Judith

Butler (2015) nos forneceu as bases para esta articulação. Ao implicar o inconsciente à despossessão do sujeito, isto é, como estrutura que demonstra que o sujeito não tem posse do seu predicado, mas é despossuído pelos seus desejos, pelos outros, pelas alteridades, é o sujeito do inconsciente que pode também comparecer à escrita, como se apresenta em Annie Ernaux. Não se trata de uma afirmação ingênua que desconsidera os processos de edição de texto nem reducionista de "psicanalisar" a criação artística e literária. O que procuramos analisar é que a indeterminação do sujeito do inconsciente pode se apresentar como posição enunciativa por meio da cena analítica bem como da escrita.

Por fim, compreendemos que as relações entre Psicanálise e Autobiografia literária não são precisamente correspondentes, muito menos opostas, mas são potencialmente amplas e fecundas, além de produzir tensões, questionamentos e (re)formulações aos campos que se inserem e se atravessam.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BUTLER, Judith. *Vida precária*. Os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019a.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra*. Quando uma vida é passível e luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.

CELES, Luiz Augusto M. A Psicanálise no contexto das autobiografias românticas. *Cadernos da Subjetividade*, v. 1, n. 2, p. 177-204, 1993.

ENDO, Paulo. Freud, o inconsciente, a des-memória, a in-memória e os paradoxos do esquecimento, do sonho e do real de Auschwitz. *Revista Percurso*, v. 60, p. 77-88, 2018.

ERNAUX, Annie. Towards a transpersonal "I". (Translated by Dawn M. Cornelio). 1993. Disponível em: <https://www.annie-ernaux.org/texts/vers-un-je-transpersonnel-2/>. Acesso em: out. 2022.

ERNAUX, Annie. *Os anos*. (Trad. Marília Garcia). São Paulo: Fósforo, 2021.

ERNAUX, Annie. *A vergonha* (Trad. Marília Garcia). São Paulo: Fósforo, 2022a.

ERNAUX, Annie. *O acontecimento*. (Trad. Isadora de Araújo Pontes). São Paulo: Fósforo, 2022b.

FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 1, 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund (1900). A literatura científica sobre os problemas do sonho. In *Obras Completas: A Interpretação dos Sonhos*. (Trad. P. C. Souza), v. 4, pp. 24-126. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund (1900). O trabalho do sonho. In *Obras Completas: A Interpretação dos Sonhos*. (Trad. P. C. Souza), v. 4, pp. 518-558. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund (1900). A psicologia dos processos oníricos. In *Obras Completas: A Interpretação dos Sonhos*. (Trad. P. C. Souza), v. 4, pp. 558-678. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. (1915) O Inconsciente. In *Obras Completas: Introdução ao narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros textos*. (Trad. P. C. Souza), vol. 12, pp. 99-151. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1917). *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund (1923). O eu e o Id. In *Obras Completas: O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros textos*. (Trad. P. C. Souza), v. 16, pp. 13-75. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1933). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In *Obras Completas: O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros textos*. (Trad. P. C. Souza), v. 18, pp. 124-355. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

IMPESSOAL. In: MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/impessoal/>. Acesso em: mar. de 2022.

KLINGER, Diana Irene. Escritas de si e escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana. 204f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

LACAN, Jacques (1966). O estádio do espelho. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. 5 ed. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

LEJEUNE, Phillipe. (1975). *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

MORICHEAU-AIRAUD, Bérengère. Propriétés stylistiques de l'auto-sociobiographie: l'exemplification par l'écriture d'Annie Ernaux. *CONTEXTES. Revue de sociologie de la littérature*, n. 18, 2016.

NITRINI, Sandra. Uma nova forma de autobiografia. *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*, v. 15, n. 2, 2013.